Do digital ao ficcional: a abjeção do feminino pulsional na manosfera e em *O País das Mulheres*

From the digital to the fictional: the abjection of the drive feminine in the manosphere and in *Country of Women*

De lo digital a lo ficcional: la abyección de lo femenino pulsional en la manosfera y en *El país de las mujeres*

Leonardo Pinto de Almeida
https://orcid.org/0000-0002-7004-6755
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Luana Alves Nascimento
https://orcid.org/0009-0007-7025-3467
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Resumo

O presente estudo investiga a tensão entre a ascensão do poder político feminino e as reações de repulsa visceral do sistema patriarcal. Estabelecemos um diálogo interdisciplinar entre a narrativa utópica de Gioconda Belli em O País das Mulheres, a teoria psicanalítica da abjeção e do semiótico formulada por Julia Kristeva, o dialogismo de Mikhail Bakhtin e a análise do discurso de Dominique Maingueneau. Nosso objetivo principal consiste em demonstrar como a emergência do feminino pulsional na esfera pública desestabiliza a Ordem Simbólica tradicional, provocando respostas violentas tanto no plano ficcional quanto no digital contemporâneo. Metodologicamente, realizamos uma leitura textual analítica e comparativa, articulando episódios centrais do romance de Belli às manifestações misóginas da chamada "manosfera" (comunidades incel, Red Pill e grupos antifeministas). Identificamos que a fundação do Partido da Esquerda Erótica (PEE) e o atentado contra a líder Viviana Sansón materializam a irrupção do Semiótico no poder estatal, espelhando os ataques coordenados contra lideranças femininas na atualidade. Concluímos que a hostilidade antifeminina não representa mero desacordo partidário, mas um sintoma de desordem psíquica e estrutural do patriarcado diante da perda do controle monopolista sobre os corpos e a linguagem política.

Palavras-chave: abjeção, manosfera, literatura.

Abstract

This study investigates the tension between the rise of female political power and the visceral reactions of revulsion within the patriarchal system. We establish an interdisciplinary dialogue between Gioconda Belli's utopian narrative in Country of Women, Julia Kristeva's psychoanalytic theory of abjection and the semiotic, Mikhail Bakhtin's dialogism, and Dominique Maingueneau's discourse analysis. Our primary objective is to demonstrate how the emergence of the drive-based feminine in the public sphere destabilizes the traditional Symbolic Order, triggering violent responses both in fictional realms and in contemporary digital culture. Methodologically, we employ an analytical and comparative textual reading, connecting core narrative episodes from Belli's novel to misogynistic expressions within the contemporary "manosphere" (incel communities, Red Pill, and antifeminist networks). We find that the establishment of the Erotic Left Party (PEE) and the assassination attempt on leader Viviana Sansón embody the irruption of the Semiotic into state power, mirroring coordinated attacks against female political leaders today. We conclude that antifemale hostility is not merely partisan disagreement, but a symptom of structural and psychic patriarchal distress facing the loss of monopolistic control over bodies and political discourse.

Keywords: abjection, manosphere, literature.

Resumen

El presente estudio investiga la tensión entre el ascenso del poder político femenino y las reacciones de repulsión visceral del sistema patriarcal. Establecemos un diálogo interdisciplinario entre la narrativa utópica de Gioconda Belli en El país de las mujeres, la teoría psicoanalítica de la abyección y de lo semiótico de Julia Kristeva, el dialogismo de Mijaíl Bajtín y el análisis del discurso de Dominique Maingueneau. Nuestro objetivo principal consiste en demostrar cómo la emergencia de lo femenino pulsional en la esfera pública desestabiliza el Orden Simbólico tradicional, provocando respuestas violentas tanto en el plano ficcional como en el entorno digital contemporáneo. Metodológicamente, realizamos una lectura textual analítica y comparativa, articulando episodios del romance de Belli con las manifestaciones misóginas de la llamada "manosfera" (comunidades incel, Red Pill y grupos antifeministas). Identificamos que la fundación del Partido de la Izquierda Erótica (PEE) y el atentado contra la líder Viviana Sansón materializan la irrupción de lo Semiótico en el poder estatal, reflejando los ataques coordenados contra líderes femeninas en la actualidad. Concluimos que la hostilidad antifemenina no constituye un mero desacuerdo partidario, sino un síntoma de malestar psíquico y estructural del patriarcado ante la pérdida del control monopólico sobre los cuerpos y el discurso político.

Palabras clave: abyección, manosfera, literatura.

Introdução

A história da civilização ocidental, conforme documentado por (LERNER, 2019) em A criação do patriarcado, constitui uma crônica contínua de exclusão sistemática das mulheres das esferas deliberativas e de construção do imaginário social. Essa barreira nunca se restringiu à arena legal ou institucional; operou no nível ontológico, cravando a premissa de que o feminino corporifica uma desordem inerente, uma fissura desestabilizadora para a integridade da pólis. A subordinação das mulheres sedimentou a base material e simbólica sobre a qual se ergueram as instituições políticas modernas. Esta exclusão não é meramente política, mas biopolítica, operando sobre o controle dos corpos e da capacidade reprodutiva como moeda de troca na fundação do Estado-máquina.

O patriarcado instituiu-se como uma Ordem Simbólica que expurga o elemento pulsional para garantir a estabilidade do Logos. Segundo (Lerner, 2019), a institucionalização do controle masculino precedeu a propriedade privada, sendo o primeiro sistema de castas da humanidade. Na modernidade digital, essa estrutura de poder enfrenta uma crise de fronteiras: a ascensão de mulheres a cargos de soberania máxima não é lida apenas como uma disputa de projetos, mas como uma ameaça à integridade do “Eu” masculino. A "histeria patriarcal" contemporânea, manifesta no ecossistema digital, reage ao avanço feminino através de uma gramática de nojo e repulsa visceral, tentando restabelecer os limites entre o sujeito político (homem) e o objeto abjeto (mulher).

> A dominação masculina sobre as mulheres é a forma mais antiga e persistente de hierarquia e exploração na história da humanidade. [...] A apropriação por parte dos homens da capacidade reprodutiva e do trabalho das mulheres ocorreu antes mesmo da criação da propriedade privada e da sociedade de classes (Lerner, 2019, p. 15).

Ao longo dos séculos, erigiu-se uma Ordem Simbólica centrada na autoridade paterna, codificando o sujeito político legítimo como uma figura descorporificada, regida por uma razão instrumental que expurga o afeto, a vulnerabilidade e as pulsões corporais. Quando corpos femininos transgridem esses limites e reivindicam a gestão do Estado, a reação patriarcal extrapola a oposição ideológica convencional, degenerando em um sentimento de asco e horror.

Neste artigo, propomos uma investigação interdisciplinar em que a ficção distópico-utópica da escritora nicaraguense Gioconda Belli dialoga com a psicanálise de Julia Kristeva, a teoria dialógica de Mikhail Bakhtin e a análise do discurso de Dominique Maingueneau. Nosso eixo interpretativo apoia-se no conceito de abjeção formulado por (Kristeva, 1982): aquela comoção profunda provocada pelo que ameaça as fronteiras do sujeito, o que perturba a integridade de um sistema normativo instituído.

No romance O país das mulheres, (BELLI, 2024) concebe a nação imaginária de Fáguas, na qual o Partido da Esquerda Erótica (PEE) vence o pleito eleitoral e instaura o chamado "Felicismo". A ocupação dos ministérios por mulheres e a revisão das prioridades orçamentárias em favor da maternidade, da ecologia, da saúde e do prazer rompem o monopólio da Lei do Pai. A resposta da ordem destituída manifesta-se em sua forma mais extrema: um atentado com arma de fogo contra a presidente Viviana Sansón.

Essa violência narrativa fornece a chave de leitura para decodificarmos um fenômeno de enorme gravidade na contemporaneidade: a proliferação da "manosfera" nas redes digitais. Através de fóruns e redes de influenciadores associados às doutrinas Red Pill e aos agrupamentos incel (involuntary celibates), constrói-se uma retórica de ódio que repudia visceralmente a mulher autônoma e a mulher no poder. Ao cotejar a dramaturgia política de Belli com o discurso extremista online, este trabalho evidencia que a repulsa ao feminino na gestão pública não é episódica nem anômala, mas um mecanismo de preservação da masculinidade hegemônica em crise.

1. O semiótico contra o simbólico: a proposta de Belli

A trajetória biográfica de Gioconda Belli informa decisivamente a criação de Fáguas. Em O país das mulheres, a fundação do Partido da Esquerda Erótica (PEE) e a doutrina do "Felicismo" constituem uma revolução na linguagem política. O PEE propõe a substituição da gestão tecnocrática por uma ética do cuidado, onde o Estado assume funções historicamente relegadas ao ambiente doméstico materno. O programa utópico de Belli articula o que (Kristeva, 1982) define como a irrupção do Semiótico no Simbólico. Enquanto a Ordem Simbólica é regida pela fase tética — a estabilidade do sentido e da lei —, o Semiótico é o domínio da chora, o espaço pulsional e rítmico que precede a linguagem formal.

As ministras de Viviana Sansón, autodenominadas "mulheres de armas tomar" no sentido afetivo, desconstroem a abstração estatal. Ao priorizarem a ecologia e o prazer em detrimento da acumulação bélica, elas provocam uma ruptura na economia de Thanatos. A resistência opositora rotula essa gestão como "desordem histérica", pois a presença do corpo e do afeto na administração pública borra a neutralidade fictícia do Estado patriarcal. A proposta de Belli sugere que apenas através da integração da pulsão de vida no tecido da governança é possível superar a necro-política das repúblicas convencionais.

> Queremos um país que seja como uma casa, onde todos se sintam cuidados e onde a felicidade não seja um privilégio, mas um direito de todos. Queremos que a política deixe de ser esse exercício frio de estatísticas e armas para ser uma extensão do carinho que temos pelos nossos filhos (Belli, 2024, p. 45. Tradução do autor)[1].
>
> *[1] Cf. o trecho original: "Queremos un país que sea como una casa, donde todos se sientan cuidados y donde la felicidad no sea un privilegio, sino un derecho de todos. Queremos que la política deje de ser ese ejercicio frío de estadísticas y armas para ser una extensión del cariño que tenemos por nuestros hijos." (Belli, Gioconda. El país de las mujeres. Barcelona: Seix Barral, 2010, p. 52).*

Essa formulação rompe a clássica separação burguesa entre o espaço público (masculino, impessoal, racional) e o espaço privado (feminino, doméstico, sentimental). Nos termos da teoria formulada por (Kristeva, 1982), a distinção estruturante da linguagem dá-se entre o Simbólico — domínio da lei gramatical, da norma paterna, da separação

sujeito/objeto — e o Semiótico — espaço pulsional, rítmico, pré-edipiano, intimamente ancorado no corpo materno.

O governo de Fáguas constitui uma tentativa corajosa de fazer com que o Semiótico governe o Simbólico. Ao converter as atribuições estatais em práticas de acolhimento e escuta corporal, as líderes do PEE desarmam a abstração burocrática. A resistência dos setores conservadores manifesta-se sob a acusação de desgoverno e irracionalidade infantil. O que os opositores diagnosticam como "histeria administrativa" é, na verdade, a recusa deliberada em conceber a autoridade estatal fora do modelo punitivo e hierárquico. A práxis de Fáguas escancara que o Estado patriarcal confunde soberania com neutralização da vida biológica e afetiva. A proposta de Belli expande a crítica ao demonstrar que a gestão do "Eros" (a pulsão de vida) desestabiliza a economia política do "Thanatos" (a pulsão de morte e guerra) que fundamenta o Estado-nação tradicional.

2. O vulcão e a desconstrução da testosterona

O romance mobiliza a erupção do vulcão Mitras como um dispositivo ecofeminista de impacto alegórico. O pó expelido provoca uma queda drástica na testosterona masculina, forçando uma desconstrução biológica da beligerância. Este evento telúrico viabiliza o que (Bakhtin, 1997) denomina como o momento carnavalesco da polifonia social: as hierarquias são suspensas, e a voz masculina, antes absoluta e monológica, é compelida ao silêncio reflexivo. A redução hormonal desarticula o monólogo da dominação, permitindo que a coletividade experimente uma existência dialógica e horizontal.

Entretanto, essa trégua é temporária. Sob a perspectiva bakhtiniana, o enunciado político nunca é finalizado; ele é um elo em uma cadeia de respostas. Assim que o efeito hormonal se dissipa, a reação patriarcal retorna com violência redobrada, incapaz de aceitar a incompletude de seu próprio poder. O atentado contra Viviana Sansón simboliza a tentativa de restaurar o monologismo através do extermínio físico da voz dissidente. A violência irrompe precisamente no ponto onde o diálogo ameaça tornar-se estrutural, evidenciando que a masculinidade hegemônica sobrevive apenas mediante o sufocamento da alteridade polifônica.

O recurso narrativo funciona como metáfora crítica: para que uma sociedade democrática e dialógica floresça, faz-se imperativo desarmar os mecanismos hormonais e

culturais que sustentam a agressividade fálica. Sob as lentes da teoria dialógica de (Bakhtin, 1997), a compreensão do sujeito dá-se na relação viva com o outro social:

> O enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal. Ele não pode ser rompido dessa cadeia sem perder sua significação. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela comunidade da esfera de comunicação verbal (Bakhtin, 1997, p. 272).

Enquanto o poder patriarcal se constituía como um monólogo impositivo, o evento telúrico do vulcão viabiliza um ambiente no qual a voz masculina se cala temporariamente para que a polifonia social emerja. Contudo, essa trégua biológica é efêmera. À medida que as cinzas se dissipam e a testosterona retoma seus índices normais, a ordem patriarcal reage com ferocidade. O atentado contra Viviana Sansón expõe o desespero do ego masculino que, incapaz de assimilar uma convivência horizontal, recorre à bala de revólver para restabelecer a soberania pelo silenciamento do corpo dissidente. A violência física surge quando o monólogo não consegue mais sufocar o diálogo emergente.

3. Poderes do horror: o conceito de abjeção em Kristeva

Para desvelar as raízes da cólera provocada por lideranças femininas, o conceito de abjeção oferecido por (Kristeva, 1982) em *Poderes do Horror* revela-se central. O abjeto não é um objeto de oposição clara, mas aquilo que perturba identidades e sistemas. Historicamente, o corpo materno é o primeiro locus da abjeção, pois representa a origem da qual o sujeito deve se separar para entrar na Ordem Simbólica. Quando uma mulher ocupa o assento da soberania, ela ativa a angústia de castração e o horror ao "abismo materno" no sujeito masculinizado, que lê essa ocupação como uma invasão de fluidos e desordem na pureza do Logos.

Articulando Kristeva à antropologia de Mary Douglas sobre o tabu, percebemos que o feminino no poder é tratado como "sujeira": matéria fora do lugar. A reação psíquica que se desencadeia é o nojo, uma pulsão expulsora que visa purificar o corpo político. A líder política deixa de ser uma adversária ideológica para tornar-se uma mancha que precisa ser expurgada. O atentado em Fáguas não é apenas um crime político, é um rito de purificação abjeta, uma tentativa desesperada de restabelecer as fronteiras entre a razão masculina e a pulsão feminina que “contamina” o Estado.

> O abjeto tem apenas uma qualidade: a de se opor ao 'eu'. Ele é o que perturba uma identidade, um sistema, uma ordem. O que não respeita os limites, os lugares, as regras. O entre-meio, o ambíguo, o misto (Kristeva, 1982, p. 12).

Historicamente, as corporificações do feminino — o sangue menstrual, os fluidos do parto, as dobras corporais da gravidez — foram segregadas pela cultura patriarcal como focos primários de impureza e contaminação. Quando a mulher ascende ao cume da autoridade soberana, o sujeito masculinizado experimenta essa presença não como adversidade política negociável, mas como invasão abjeta.

O medo que move o opositor não é a perda de uma diretriz orçamentária, mas o desmoronamento da barreira narcísica que o separava do "abismo materno". A reação psíquica que se desencadeia é o nojo, acompanhado de uma pulsão expulsora: faz-se necessário eliminar, expurgar ou violentar o corpo da mulher no poder para restabelecer os contornos ameaçados da identidade patriarcal. A líder política feminina é vista como o "misto" intolerável: o corpo que sangra ocupando a cadeira que deveria ser de puro Logos.

4. A arquitetura do ódio digital: a manosfera

Este movimento de expulsão e nojo encontra seu habitat mais virulento na contemporaneidade através da manosfera digital. Analisando a discursividade de grupos incel, Red Pill e MGTOW à luz de (Maingueneau, 2015), identificamos uma engrenagem paratópica. Estes sujeitos constroem sua autoridade a partir de um autoexílio deliberado, alimentando uma paranoia vitimista que enxerga o avanço dos direitos femininos como uma tirania "ginocêntrica". A manosfera coopta a psicologia evolucionista e o determinismo biológico para justificar o ódio, reduzindo as mulheres a predadoras hipergâmicas que devem ser controladas ou evitadas.

A arquitetura do ódio online utiliza ferramentas como deepfakes e linchamentos cibernéticos para operar o que chamamos de "re-abjeção". Quando mulheres como Viviana Sansón alcançam projeção, o ecossistema digital reage despojando-as de sua autoridade política e devolvendo-as à sua pura genitalidade exposta. A pornografia de vingança e a estetização da violência virtual são mecanismos de delegitimação que espelham o atentado narrado por Belli. No pixel, a tentativa é a mesma do papel: silenciar a presença feminina

pública através do horror e da humilhação, transformando a líder em um corpo abjeto desprovido de discurso.

Analisando a discursividade desses grupos à luz de (Maingueneau, 2015), identificamos uma engrenagem que se alimenta de seu autoexílio institucional. O conceito de paratopia ajuda a compreender esse posicionamento:

> O discurso paratópico é aquele que se nutre da sua própria impossibilidade de pertencer plenamente ao centro da sociedade. O escritor ou o orador paratópico constrói seu lugar de fala a partir de uma exclusão que ele mesmo alimenta para validar sua autoridade (Maingueneau, 2015, p. 82).

Os porta-vozes da manosfera alimentam uma paranoia vitimista segundo a qual os homens seriam os verdadeiros desvalidos de uma tirania "ginocêntrica". O vocabulário disseminado nessas plataformas adota a metáfora cinematográfica da "pílula vermelha" para justificar o rancor: despertar significaria enxergar as mulheres como predadoras hipergâmicas, manipuladoras de afeto e destruidoras da civilização.

A manosfera opera uma re-significação pseudo-científica da misoginia, utilizando dados distorcidos de psicologia evolucionista para desumanizar o feminino. Quando mulheres assumem pastas ministeriais ou mandatos parlamentares, os fóruns digitais organizam linchamentos cibernéticos que visam devolver essa mulher ao lugar de "objeto" ou de “abjeto”. O uso de deepfakes e a pornografia de vingança são ferramentas de "re-abjeção": tenta-se reduzir a autoridade política da mulher à sua pura genitalidade exposta e humilhada. A violência virtual espelha cirurgicamente a trajetória conspiratória que culminou no atentado contra Viviana Sansón em Fáguas.

5. O patriarcado como estrutura histórica

A naturalização desse ódio mascara a historicidade de sua edificação. Conforme (Lerner, 2019), a soberania masculina foi instaurada mediante a expropriação sistemática da sexualidade e do saber feminino, desde os códigos de leis da Mesopotâmia até a modernidade. As mulheres foram mantidas em subordinação através da negação de sua própria memória histórica. O patriarcado opera como uma estrutura que mercantiliza o trabalho reprodutivo e silencia a agência feminina, impedindo a imaginação de alternativas ao sistema vigente.

O romance de Gioconda Belli desafia esse confinamento epistemológico ao criar um laboratório ficcional onde as mulheres não apenas participam, mas escrevem a nova cronologia da nação. Ao desmontar a ficção de que a chefia do Estado é inerentemente viril, Fáguas expõe as fissuras da construção histórica patriarcal. A violência observada na ficção e na manosfera revela-se como uma tentativa reacionária de estancar uma desmontagem histórica irreversível, onde o controle monopolista sobre os corpos e o tempo político está sendo permanentemente contestado:

> As mulheres foram mantidas em um estado de subordinação através da negação da sua própria história. Ao serem excluídas da criação de sistemas simbólicos e da interpretação do passado, elas foram impedidas de conceber alternativas à sua condição (Lerner, 2019, p. 28).

O romance de Gioconda Belli desafia precisamente esse confinamento epistemológico ao criar um laboratório ficcional onde a mulher escreve a história e comanda os ritos da soberania. O desconforto provocado por essa alteridade desmonta a ficção de que a chefia do Estado é inerentemente viril. A violência observada tanto no plano ficcional quanto na arena cibernética revela-se, assim, como uma tentativa reacionária de estancar o avanço de uma desmontagem histórica irreversível. O ataque à mulher pública é, no fundo, um ataque à possibilidade de uma nova cronologia histórica.

6. Dialogismo e resistência: a voz feminina

Ao analisar a relação entre voz e poder, (Zumthor, 1993) sublinha a dimensão carnal da emissão vocal. A voz é a presença viva do sujeito, enquanto a lei escrita é o rastro morto. A governança do PEE em Fáguas restaura a voz viva, o canto e o riso no centro do palácio, abalando a frieza desumanizante da burocracia. Esta performance vocal feminina impede a abstração que facilita a violência estatal, forçando o reconhecimento da alteridade em sua plenitude corpórea.

Em contrapartida, as câmaras de eco da manosfera digital operam em um monologismo petrificado, recusando a inconclusibilidade do sujeito proposta por (Bakhtin, 1997). A resistência feminina em Belli reside na ocupação dos espaços de fala e na manutenção do diálogo mesmo sob ataque. A utopia de Fáguas aponta para uma polifonia democrática onde a resposta ética ao outro — a responsabilidade bakhtiniana — substitui a

dominação. A voz que se recusa ao silêncio, mesmo diante da abjeção, constitui o cerne de uma contra-hegemonia que reconhece no afeto um instrumento político legítimo:

> A voz é a presença viva do sujeito, enquanto a letra é o seu rastro morto. Na performance vocal, o corpo do orador está presente, comprometido com o sentido do que é dito, impedindo a abstração desumanizante que a escrita muitas vezes permite (Zumthor, 1993, p. 54).

A governança do PEE em Fáguas restaura a voz viva, o canto, o riso e a corporeidade no centro do palácio de governo, abalando a frieza mortuária da letra jurídica tradicional. Em contrapartida, as câmaras de eco da manosfera digital recusam peremptoriamente o encontro dialógico de que fala (Bakhtin, 1997). O discurso misógino opera como monólogo fechado, petrificado no rancor e na imunização contra a alteridade.

A utopia de Belli não visa à aniquilação do homem, mas à superação do monologismo destrutivo da dominação masculina, abrindo passagem para uma polifonia democrática em que o corpo e o afeto participem legitimamente da construção da pólis. A resistência reside na insistência da voz que se recusa a ser silenciada pelo trauma da abjeção.

7. Entre a distopia do linchamento e a práxis do cuidado: o corpo feminino como trincheira

A transição da agressão discursiva na manosfera para a violência física em Fáguas revela que o corpo feminino na esfera pública atua como uma trincheira semiótica. A hostilidade digital contemporânea — manifesta em táticas de doxxing, criação de deepfakes e linchamentos coordenados — não visa apenas silenciar a opinião, mas desintegrar a integridade ontológica da mulher. Ao articular (Kristeva, 1982) com as reflexões de (Butler, 2018) sobre a precariedade, percebemos que a exposição do corpo feminino no poder é um ato de "montagem corporal" que desafia a norma. Para Butler, a resistência surge quando corpos que não deveriam estar no centro da pólis se reúnem e reivindicam o direito de aparecer:

> A precariedade designa aquela condição politicamente induzida na qual certas populações sofrem com a falha das redes sociais e econômicas de apoio muito mais do que outras, e ficam expostas de forma diferenciada à lesão, à violência e à morte. [...] A ação concertada desses corpos em

> assembleia constitui um desafio ao sistema que os considera descartáveis (Butler, 2018, p. 44).

Em *O País das Mulheres*, o atentado contra Viviana Sansón materializa o limite máximo da abjeção patriarcal: a tentativa de aniquilar o corpo que "contamina" a soberania com a lógica do cuidado. No entanto, o retorno de Viviana ao governo, ainda convalescente e carregando as marcas físicas da violência, subverte o mito patriarcal do líder invulnerável e descorporificado. Ao governar a partir de sua vulnerabilidade, ela transforma a ferida em uma ferramenta de práxis política, demonstrando que o corpo permeável e sensível é mais resiliente do que o Logos blindado da testosterona. Essa recusa em ocultar o corpo ferido (Belli, 2024) confronta diretamente a estética da manosfera, que exige a perfeição ou o desaparecimento das mulheres, reafirmando que a política do cuidado nasce precisamente do reconhecimento da mútua dependência e da fragilidade constitutiva do humano.

Considerações finais

A análise articulada entre a literatura de Belli, a psicanálise de Kristeva e os estudos do discurso revela que a violência de gênero constitui a expressão contemporânea da abjeção patriarcal. O ódio orquestrado pela manosfera manifesta o pavor psíquico diante de um sujeito feminino que recusa o papel de objeto domesticado. A experiência de Fáguas demonstra que a introdução do Semiótico — o cuidado e a sensibilidade pulsional — nos domínios do Simbólico político não é uma utopia ingênua, mas um imperativo de sobrevivência civilizatória.

Desvelar a arquitetura discursiva e os mecanismos de nojo mobilizados pelo patriarcado é o primeiro passo para resguardar a integridade das mulheres na política. A literatura de Belli serve como um diagnóstico crítico, revelando as feridas da masculinidade tóxica enquanto aponta para a cura através de um Eros político radical. Concluímos que a desconstrução da abjeção exige uma educação crítica que desnaturalize o monologismo e abra espaço para uma sociedade efetivamente polifônica, onde a vida e o afeto governem a norma jurídica.

> No lugar onde o sentido desmorona, onde a Lei do Pai não consegue mais nomear o que acontece, ali surge o abjeto. Ele marca o limite do

> suportável, mas também a possibilidade de uma nova fundação do ser (Kristeva, 1982, p. 22).

A experiência ficcional de Fáguas demonstra que a introdução do Semiótico — o cuidado, o afeto e a sensibilidade pulsional — nos domínios do Simbólico político não é uma utopia ingênua, mas um imperativo de sobrevivência civilizatória. Desvelar a arquitetura discursiva e os mecanismos de nojo mobilizados pelo patriarcado, tanto no papel quanto no pixel, é o primeiro passo para resguardar a integridade das mulheres na política e assegurar a vigência de uma sociedade efetivamente polifônica. A literatura de Belli serve como o espelho que revela as feridas abertas da masculinidade tóxica, enquanto aponta para a cura através de um Eros político radical.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BELLI, Gioconda. *El país de las mujeres*. Barcelona: Seix Barral, 2010.

BELLI, Gioconda. *O país das mulheres*. Tradução de Ana Resende. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024.

KRISTEVA, Julia. *Poderes do horror*: um ensaio sobre a abjeção. Tradução de Niza de Castro. Lisboa: Edições 70, 1982.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado*: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*: a literatura medieval. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.